

## Michel Pêcheux e a história epistemológica da Lingüística

Maria do Rosário Valencise GREGOLIN  
(UNESP-Ar)

*Saussure ficou sozinho com suas idéias...* Em torno dessa afirmação, Michel Pêcheux (1982) analisa a história epistemológica da Lingüística, tecendo observações sobre as *tendências à desconstrução das teorias*, a partir da análise das alianças teóricas que se estabeleceram “com” e “contra Saussure”<sup>1</sup>.

É um texto polifônico: Pêcheux, nos anos 80, dialoga com a fala de Benveniste dos anos 60, meio século após a publicação do *Curso de Lingüística Geral*. Por sua vez, o texto benvenisteano rebate a fala de Meillet (dos anos 20) de que “Saussure não havia cumprido seu destino”. Para Benveniste, meio século depois, não há lingüista que não deva algo a Saussure.

Pêcheux considera que Saussure *pôs-se a pensar contra seu tempo* ao buscar o *próprio da língua*, realizando o corte epistemológico que fundou a ciência Lingüística. Entretanto, a afirmação triunfal de Benveniste precisa ser polemizada, já que a maioria dos lingüistas, nos anos 80, *pensa contra Saussure* e debanda para a sociologia, a lógica, a estética, a pragmática, a psicologia .... Olhando agudamente para a situação da Lingüística naquele início dos anos 80, Pêcheux observa que o “próprio da língua” tornou-se um objeto residual da pesquisa lingüística, levando à “desconstrução teórica” do corte inaugural de Saussure.

O olhar de Pêcheux vai-se deslocar, então, para a história epistemológica da Lingüística que, desde o seu início, não parou de se negar através de uma alternância de *diásporas* reais e de *reunificações* enganadoras. “Estranho destino” da história das idéias lingüísticas, que não se faz por um desenvolvimento autônomo, retilíneo e cumulativo de um núcleo de conhecimentos do objeto língua, mas por uma *série de retomadas e de negações*. Exposta aos efeitos

---

<sup>1</sup> Essa preocupação com a história epistemológica da Lingüística foi uma preocupação recorrente na obra de M. Pêcheux. Esse é o tema de outros textos seus, como “Remontemos de Foucault a Spinoza”, “Há uma via para a Lingüística fora do logicismo e do sociologismo?” (1977) e “Sobre os contextos epistemológicos da Análise do Discurso” (1983).

complexos do processo conjuntural que constitui o espaço no qual sua história se produz, as determinações históricas provocaram sucessivas redes de afinidades e, por isso, o “próprio da Lingüística” é indissociável das escolhas através das quais se constitui e se transforma a rede de suas alianças. Essa trama histórica, para Pêcheux, pode ser vislumbrada em alguns momentos nos quais as diásporas e reunificações decidiram o destino das pesquisas em torno de aceitações e recusas às propostas saussureanas.

A primeira diáspora aconteceu nos **anos 20**, momento em que a Lingüística vai vagar de círculo em círculo – Praga, Viena, Copenhaga – com diferentes interpretações sociologistas, logicistas ou psicologistas das intuições saussureanas.

Nos **anos 50**, ocorre uma aparente reunificação, e, do funcionalismo de Martinet às teorias behavioristas da comunicação, o pensamento de Saussure se estende ao estruturalismo de Bloomfield, deste a Harris e até aos primeiros trabalhos de Chomsky. E neles, *a herança do estruturalismo saussureano parecia se dirigir para suas melhores condições de realização, através da espetacular retomada, no nível sintático, dos fundamentos teóricos que Saussure havia formulado no plano fonológico e morfológico* (1999, p. 10). Essa aparente unificação da Lingüística coincide com a retomada do desenvolvimento industrial do pós-guerra e o conseqüente desenvolvimento e difusão de novas tecnologias (na produção, na formação profissional, na educação, na saúde). A “teoria da informação”, a psicologia behaviorista, a cibernética, a computação, a tradução automática, a inteligência artificial fizeram a Lingüística “matematizar-se”, buscando na lógica a natureza da linguagem. Apesar dos esforços de Jakobson, *de fazer valer o estatuto poético da linguagem humana*, a Lingüística dos anos 50 continuou presa nesse imaginário interdisciplinar da comunicação como *regulação funcional controlada* (1999, p. 16).

Essa unidade acadêmica da Lingüística pós-saussureana novamente se esfacela no início dos **anos 60**, sob o efeito de dois processos: a) a hegemonia teórica da Gramática Gerativo Transformacional; b) o aparecimento de nova corrente (filosófica, epistemológica e politicamente heterogênea), de um novo

dispositivo filosófico, que se constituiu pela re-leitura de Marx, Freud e Saussure, operada por Lévi-Strauss, Lacan, Althusser, Foucault, Derrida. Essa (re)leitura de Saussure foi um dos principais motores do grande movimento cujo objetivo era separar a Lingüística do funcionalismo sócio-psicologista, apoiando-se, principalmente, nos trabalhos de Jakobson e de Benveniste. A Análise do Discurso francesa surge nesse contexto, como disciplina transversal fortemente marcada por essa conjuntura epistemológica. Na França, durante as décadas de 60 e 70, os argumentos do chomskismo não convenceram, *diante da subversão teórica da 'tríplice aliança estruturalista' (Marx, Freud, Saussure) que colocava a antropologia, a história, a política, a escrita literária e a poesia ao lado da Lingüística e da Psicanálise* (1999, p. 12). Ocorre, nesse período (que vai de **1960 a 1975**) uma reestruturação global da rede de afinidades disciplinares em torno da Lingüística. Essa reestruturação foi obra do estruturalismo, que marcou o fim da hegemonia filosófica da fenomenologia e do existencialismo, com o aparecimento da antropologia estrutural, a renovação da epistemologia e da história das ciências, a psicanálise anti-psicologista, novas formas de experimentação na escrita literária, a retomada da teoria marxista. Quando as três teorias se encontraram (psicanalítica, marxista, lingüística/antropológica) criou-se um efeito subversivo, que trazia a promessa de uma revolução cultural, na medida em que colocava em causa as evidências da ordem humana como ordem estritamente bio-social, e o reconhecimento de um fato estrutural próprio da ordem humana: o *da castração simbólica* (1999, p. 17). No contexto político dos anos 60, o efeito subversivo estruturalista ultrapassou o quadro universitário e a teoria e a literatura tornaram-se lugares de intervenção ideológica, afetando o conjunto do campo sócio-político. Instaurou-se *um trabalho do significante no registro político*, visando a uma nova maneira de ouvir a política. A partir de 1975 isso vai-se desmoronar progressivamente, com a crise do “lacanismo”, do “marxismo”, e vai-se instalar a *revolução cultural abortada*. O esgotamento dos efeitos do movimento estruturalista acarretou, para a Lingüística, uma reconfiguração de seu dispositivo de embasamentos epistemológicos.

Assim, o início dos **anos 80** é marcado por uma nova mudança no regime das pesquisas lingüísticas. Ocorreu, simultaneamente, o final do materialismo estrutural à francesa e do chomskismo. Houve a formação de um largo consenso anti-saussureano e anti-chomskiano, *baseado na idéia – simples, porém eficaz – de que a Lingüística formal é falaciosa e inútil, e que é mais do que urgente se ocupar de outra coisa* (1999, p. 13). Nesse movimento – em que se desconhecem as diferenças e ocorre a identificação de Saussure e Chomsky - cresce uma aversão inconsciente pelo “próprio da língua”. Caracteriza-se, então o que Pêcheux denomina a “desconstrução das teorias lingüísticas”: uma nova diáspora intelectual, que tende a mergulhar a Lingüística em questões de biologia, de lógica e de psicologia. *Novamente Saussure ficou sozinho com suas idéias...* (1999, p. 14). Desconstruídas as teorias lingüísticas, instaura-se *um esforço para atingir o nível internacional do positivismo bio-psico-funcional!* (1999, p. 21). Nesse movimento, a Lingüística pode escolher entre o esfacelamento e a integração. O roteiro do esfacelamento implica a dissociação institucional entre uma Lingüística *do cérebro* e uma Lingüística *social*. A Lingüística do cérebro pensa a língua como uma classe de programas entre outros (inteligência artificial, cibernética, hardware, etc.), como parte das Ciências da Vida. A Lingüística social fica em uma posição dominada e marginal ou, pelo contrário, integrada no grande projeto político-bio-social. As teorias pragmáticas, com a sociologia das interações, os atos indiretos de linguagem, os cálculos inferenciais, etc. inscrevem-se massivamente nessa tendência, no interior da qual é impossível pensar *a ordem simbólica como fato estrutural: o jogo mallarmeano dos significantes, a incidência inconsciente do chiste e tudo o que da língua escapa ao sujeito falante (...) é incongruente para essa nova ordem.* (1999, p. 23). O registro do literário e do poético (apesar dos trabalhos de Jakobson, Benveniste, Barthes, Kristeva) é considerado *um luxo aristocrático para os tempos de paz, que deve saber apagar-se diante da pressão lógica da urgência* (1999, p. 24).

Analisando o panorama do início dos anos 80, Pêcheux conclui que o sufocamento do **estruturalismo político francês** coincide com o crescimento da recepção desses trabalhos em outro países, que *descobrem o estruturalismo no*

*momento em que a intelectualidade francesa 'vira a página', desenvolvendo um ressentimento maciço face a teorias, suspeitas de terem pretendido falar em nome das massas, produzindo uma longa série de gestos simbólicos ineficazes e performativos políticos infelizes.* (1999, p. 18). Essa revisão teórica colocou em causa os objetos do estruturalismo, excessivamente centrado nos grandes Textos e obrigou-o a olhar o que se passa “embaixo” – os espaços que constituem o ordinário das massas, especialmente em períodos de crise - a necessidade de entender esse discurso (quase sempre silencioso), de *se pôr na escuta das circulações cotidianas, tomadas no ordinário do sentido* (1999, p. 18). Para Pêcheux, é preciso fugir do perigo do discurso triunfante do psico-biologismo, principalmente naquele momento em que a sofisticação da tecnologia oferece um espaço muito mais coerente para que o domínio bio-social possa desabrochar. A pressão populista da urgência fornece, nesse momento, uma base ideológica e uma justificativa “democrática” para esses fantasmas. Em torno dos programas interdisciplinares, da inteligência artificial e do tratamento da informação, um novo sistema de alianças está se formando, no qual uma certa concepção de Lingüística é convidada a tomar seu lugar, *tendo que aceitar tratar o simbólico como um sinal e a linguagem como um instrumento lógico* (1999, p. 20), fazendo da Psicologia a nova ciência-piloto. A partir do chomskysmo, essa concepção de Lingüística é bastante aceita. Disso resulta o recalque da ordem simbólica, o restabelecimento de um sujeito dono de si mesmo e responsável por suas escolhas, *curado da inqualificável ferida que podia constituir a suposição de que a língua, ou qualquer coisa dela, escapa-lhe*. Pêcheux propõe que o registro do ordinário do sentido não pode ser pensado como um fato de natureza psico-biológica, inscrito em um universo logicamente estabilizado.

Existem diversas séries de **universos discursivos logicamente estabilizados** – inscritos no espaço das *matemáticas*, das ciências da natureza, da tecnologias industriais, nas esferas sociais dos dispositivos de gestão-controle administrativos, que se apóiam em certas propriedades das línguas naturais, autorizando operações, dicotomizações, cálculo lógico, metalíngua, etc. É a

existência desses espaços da urgência que garante o atual embasamento da reflexão lingüística em conceitos lógicos, semânticos e pragmáticos.

No entanto, é necessário reconhecer que qualquer língua natural é também, antes de tudo, a condição de existência de **universos não-estabilizados logicamente**, próprios ao espaço sócio-histórico dos rituais ideológicos, dos discursos filosóficos, dos enunciados políticos, da expressão cultural e estética. Nesses, a ambigüidade e o equívoco constituem um fato estrutural incontornável. O jogo das diferenças, alterações, contradições não pode aí ser visto como um amolecimento de um núcleo duro lógico (1999, p. 24).

Pensando com Milner que *nada da poesia é estranho à língua* e que *nenhuma língua pode ser pensada completamente, se a ela não se integra a possibilidade de sua poesia*, Pêcheux propõe construir procedimentos para abordar o fato lingüístico do equívoco como fato estrutural implicado pela ordem simbólica. O objeto da Lingüística (o próprio da língua) é atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: a) o da manipulação das significações estabilizadas, normalizadas por uma higiene pedagógica do pensamento; b) o de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida *a priori*, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações. A fronteira entre esses dois espaços é muito difícil de determinar. Há uma zona intermediária de processos discursivos (derivando do jurídico, do administrativo e das convenções da vida cotidiana) que oscilam em torno dela: nessa região discursiva intermediária as propriedades lógicas dos objetos deixam de funcionar – os objetos têm e não têm esta ou aquela propriedade, etc.

Pêcheux critica o estruturalismo, para o qual *esse caráter oscilante do registro do ordinário do sentido escapou completamente [fechando-o] totalmente no inferno da ideologia dominante e do empirismo prático, considerados como ponto-cego, lugar de pura reprodução do sentido*. Derivada dessa idéia, o estruturalismo pensou que o processo de transformação interior aos espaços do simbólico e do ideológico é um processo *excepcional*, o momento heróico e solitário do teórico e do poético (Marx/Mallarmé) como trabalho extraordinário do significante. Essa concepção aristocrática traz embutida a velha certeza elitista de

que as classes dominadas não inventam jamais nada, porque elas estão tão absorvidas pelas lógicas do cotidiano que os jogos de ordem simbólica não lhes dariam respeito... O humor e o traço poético não são “o domingo do pensamento”; eles pertencem aos meios fundamentais de que dispõem a inteligência política e teórica, mas o argumento populista da urgência pressupõe que os proletários não podem dar-se ao luxo de ter um inconsciente! (p. 26).

Evocar a *desconstrução das teorias lingüísticas* é interrogar a lingüística dominante, que cede de antemão à psicologia do sujeito dono de si e responsável por suas escolhas, que elide, por conseqüência, o real da língua. Para Pêcheux, o que há de primordial na doutrina saussureana é o fato de ela propor que a linguagem, sob qualquer ponto de vista estudado, é sempre um objeto duplo. Por um princípio simétrico da dualidade, ela oscila entre a “felicidade pela simetria” (Jakobson e seus trabalhos sobre os embreadores) e o drama da abertura de cada palavra (Benveniste e suas análises sobre os pronomes pessoais, os tempos verbais, etc.). *Entre a simetria (através da qual o outro aparece como o reflexo do mesmo, por uma regra de conversão) e o equívoco (no qual a identidade do mesmo se desregula, se altera a partir do interior), o paradoxo da língua toca duas vezes na ordem da regra: pelo jogo nas regras, e pelo jogo sobre as regras* (1999, p. 27). O fenômeno sintático é o que toca de mais perto no próprio da língua enquanto ordem simbólica: toda construção sintática é capaz de deixar aparecer uma outra, no momento em que uma palavra desliza sobre outras palavras.

O reconhecimento dessa realidade dual da língua traz conseqüências metodológicas, pois é preciso pensá-la *como um corpo atravessado por falhas* (1999, p. 28). Longe de tentar apagar, pela matematização, isso que é o próprio da língua (sua dualidade na e sobre as regras), Pêcheux propõe que a Lingüística precisa acolher a ambigüidade, a contradição, o jogo: essa propriedade intrínseca ao seu objeto.

## **Referências Bibliográficas**

BENVENISTE, E. Saussure após meio século. In: *Problemas de Lingüística Geral*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. *Sur la (dé) construction des théories linguistiques*. In: DRLAV, n° 27, 1982, p. 1-24. Tradução brasileira de Celene M. Cruz e Clémence Jouët-Pastré. In: *Línguas e Instrumentos lingüísticos*. Campinas: Pontes, 1999.